

# FIGURAÇÕES DA EXCLUSÃO: MARGEM E MARGINALIZADOS NA PRODUÇÃO LITERÁRIA *CAPÃO PECADO*, DE FERRÉZ

FIGURES OF EXCLUSION: MARGIN AND MARGINALIZED IN THE LITERARY  
PRODUCTION *CAPÃO PECADO*, BY FERRÉZ

Igor Luid de Souza Oliveira<sup>1</sup>

Wheriston Silva Neris<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho propõe uma discussão acerca da literatura marginal, visando mostrar como os conceitos de margem e marginalizados são definidos nessa literatura e que tem como uns dos seus grandes representantes, Ferréz. Objetivamente, tomamos o romance, *Capão Pecado* (2000), de Ferréz, como laboratório para explorar essas definições. Esta pesquisa ampara-se nos estudos de Nascimento (2005), Faria, Penna e Patrocínio (2015), Dalcastagnè (2002), Zibordi (2011), Souza (2010) e inscreve-se em um projeto mais amplo de investigação, ainda em curso, que visa discutir o tema da marginalização na produção literária do Sul Global (OLIVEIRA, 2022)

**Palavras-Chave:** Literatura Marginal; Contemporâneo; Margem; Exclusão; *Capão Pecado*.

**Abstract:** This work proposes a discussion about marginal literature, aiming to show how the concepts of margin and marginalized are defined in this literature and which has as one of its great representatives, Ferréz. In this work, the objective is also to show how this movement of marginal literature, mainly contemporary, has been occupying space in Brazilian literature and through the study of the novel, *Capão Pecado* (2000), by Ferréz, to present how these manifestations of these margins and the margin have been represented in the works of these writers. This research is supported by the thoughts of Nascimento (2005), Faria, Penna and Patrocínio (2015), Dalcastagnè (2002), Zibordi (2011), Souza (2010) and others.

<sup>1</sup> Mestrando em Letras na Universidade Federal do Maranhão – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-2372-3549>. E-mail: [igor197@outlook.com](mailto:igor197@outlook.com).

<sup>2</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe – Brasil, com período sanduíche em Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales – França. Professor Adjunto da Universidade Federal do Maranhão – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0296-2874>. E-mail: [wheriston.neris@ufma.br](mailto:wheriston.neris@ufma.br).

**Keywords:** Marginal Literature; Contemporary; Margin; Exclusion; *Capão Pecado*.

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura marginal tem sido uma denominação bastante discutida na tradição literária brasileira contemporânea, uma vez que esta vem sendo associada a estilos, textos e autores, com diferentes perspectivas de investigação (ASSIS, 2020; CORONEL, 2021; DALCASTAGNÈ, 2008; FARIA PATROCÍCIO, 2015; NASCIMENTO, 2005; 2006, entre outros). De maneira geral, pode-se perceber que esse adjetivo “marginal” quando referido à literatura brasileira é uma forma de apresentar, textualmente, vozes que pouco são presentes na tradição literária no Brasil e a própria exploração de lugares de enunciação inovadores.

Erica Peçanha do Nascimento (2005) esclarece que no território brasileiro, esta denominação “literatura marginal”, surge nos anos 70 com o movimento de alguns poetas, considerados na época como “poetas marginais” e que, com ajuda de outros escritores de variados gêneros, reinventaram formas de publicação dos seus textos, expondo-os em muros, camisetas e muitas das vezes distribuindo-os ou vendendo-os em bares, cinemas, praças e em outros espaços públicos. Além disso, mostra que esta expressão “marginal”, em suas origens, remete ao contexto da ditadura militar de 1970.

Ainda conforme Nascimento (2005) esses escritores da literatura marginal eram pessoas que, grosso modo, representavam a classe média, que frequentavam as universidades federais, estavam ligados às atividades de cinema, teatro e música, ou seja, nessa época, os escritores que representavam essa literatura marginal participavam de uma condição de classe específica, compartilhada também pelo seu público potencial, visto que “os seus

consumidores eram também membros das classes privilegiadas” (2005 apud Pereira, 1981, p. 99).

Com o passar dos anos, foi criada a *Revista Caros Amigos*, em 2001, onde a expressão “literatura marginal”, passou a representar as produções dos que estão à margem da sociedade e que estão apresentando em suas obras os termos, os temas e o linguajar igualmente marginalizados. Na sequência, o adjetivo adquire novos contornos na proporção em que passou a designar o grupo de escritores que eram originados e identificados com as periferias brasileiras/e ou que estão ou estiveram “à margem” da sociedade (pobres, negros etc) e estar relacionado também ao espaço “marginalizados” (NASCIMENTO, 2005).

Com efeito, a literatura de Ferréz, representado aqui pelo romance *Capão Pecado* (2002), participa dessa nova definição da expressão “literatura marginal”, uma vez que a obra carrega, juntamente com o seu autor, elementos desse pertencimento social e identitário. Com isso, Ferréz e seu romance aqui estudado, mostra como a literatura brasileira tem sido surtido por vários escritores marginais que buscam expressar nos seus escritos as experiências, o cotidiano desses espaços periféricos sob a perspectiva de uma escrita marcada pelo testemunho. Como afirma Faria, Penna e Patrocínio (2015) essa forma de literatura nasce com a finalidade de apresentar à crítica novas formas de enunciação vindas exatamente das periferias, favelas das cidades brasileiras, a saber, de lugares que são considerados mal incluídos, silenciados.

Em vista disso, o objetivo desse artigo é refletir justamente sobre essas representações da exclusão, da margem e da marginalidade no romance, *Capão Pecado* (2002) que tem como escritor um dos representantes na contemporaneidade dessa literatura marginal. Figurações da exclusão, empregado no título, designa aqui não apenas uma posição social a partir do qual se produz um fato literário, como também um modo específico, uma teoria

implícita, sobre a forma como a própria margem e os marginalizados são concebidos. Para tanto, além da própria exploração do texto literário em pauta, recorreremos a uma série de pesquisas em curso que têm apoiado a construção de uma perspectiva de análise sobre o tema em nossa pesquisa de mestrado, a saber: Nascimento (2005), Faria, Penna e Patrocínio (2015), Dalcastagnè (2002), Zibordi (2011), Souza (2010) e dentre outros.

Ante o exposto, o texto que segue encontra-se dividido em três eixos interdependentes. Na primeira parte, intitulada “Margem e Marginalidade” refletimos acerca de como esses conceitos são vistos dentro da literatura marginal. A segunda parte, por sua vez, designada “Literatura Marginal: Ferréz e o Capão Pecado”, se ocupará em apresentar discussões sobre o autor e sobre a obra, com base nos estudos coletados. A terceira e última das seções, nomeada “Análise do fenômeno da marginalidade em Capão Pecado”, tem como finalidade expor a análise acerca dessa representação da marginalidade no romance em questão.

## **2. MARGEM E MARGINALIDADE**

A literatura marginal é uma nomenclatura que foi criada, como dito acima, nos anos 70, no contexto de ditadura militar, no entanto, esse fenômeno passou, e surgiu um nova onda literária e proveniente das margens da sociedade, expondo em suas produções o cotiando, questões sociais e culturais, mais do que isso, o que vemos hoje são escritores de margem, que escrevem sobre a margem, permitindo ver as experiências de quem está dentro, que não está apenas escrevendo, mas protagonista de suas próprias histórias.

Seguindo esse movimento, pode-se entender que a literatura marginal é também uma forma de resistência, uma vez que essa literatura possibilita dar voz a outros grupos da literatura no Brasil.

Érica Peçanha Nascimento aponta que os autores da literatura marginal:

[...] querem denunciar a violência — principalmente a policial —, o alcoolismo nas famílias, a força do tráfico e a falta de perspectiva dos jovens. Por outro lado, buscam valorizar aspectos positivos da periferia, como solidariedade, o modo de falar e as gírias características, além das manifestações culturais que estão surgindo nesses lugares (NASCIMENTO, 2009, p. 1).

A literatura marginal vem crescendo, ocupando seu espaço e conquistando cada vez mais leitores de diferentes classes sociais, como classe média, classe alta e, claro, a marginal, pois a periferia da cidade - originária de São Paulo, mas ampliada - se considera ser linguística, temática e ideologicamente identificados. Assim, essa literatura desenha-se como expressões artísticas vindas da periferia.

No ponto de vista de Dalcastagnè (2008, p. 32)

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a 'autenticidade' do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística.

A literatura marginal, então, surge como uma forma de expressão oposta à estética literária predominante e elitista, incorporando em sua estrutura literária elementos coloquiais, palavras de marginalizados, temas que remetem a universos marginais e salvação histórica. A posição socialmente desfavorecida de uma classe, mesmo na nomenclatura é chamada de marginal porque é representada por escritores e sujeitos à margem da sociedade. Assim pode ser vista a reação de muitos escritores da periferia, buscando apresentar na tradição literária fatos que representam a vivência e as experiências sociais, dentre outros temas, assuntos que fazem parte dessa estrutura social.

Dado que a literatura marginal contém seus elementos de aprovação nos pontos de vista internos e nas origens sociais e raciais dos autores, é compreensível, portanto, que, para os críticos, ela procure falar "em seu nome" apenas por aqueles qualificados para falar de realidades marginais. Não basta dar voz a grupos excluídos das histórias sociais e/ou "oficiais", pois o apanhado deve partir dos próprios excluídos, tornando-os intermediários de sua própria história.

Em geral, trata-se de uma obra de literatura de minorias em que os autores buscam dar tempo e voz aos que estão à margem da sociedade, e revelar a realidade da exclusão dessas pessoas, revelando a participação política e o compromisso social desses escritores denunciando este estado de coisas. Pela legitimidade artística que representa, a literatura é um espaço privilegiado de expressão da natureza da sociedade; portanto, é cada vez mais necessário democratizar o espaço de trabalho e literário para que novas formas de expressão, assim como a literatura marginal, possam ter lugar. A literatura marginal/periférica, como é escrita por autores marginais, constitui uma forma de apresentar e produzir sua própria cultura que lhes é peculiar, e assim expressar suas vozes.

Luciana Coronel (2021) aponta que leituras agora apresentadas por uma nova onda de autores que, com sua incontrolável rebeldia ideológica, apagaram imagens literárias bem comportadas, entendendo-as como vozes que surgem das tensões perpétuas entre áreas conflituosas da sociedade brasileira:

A formulação enunciativa desde a margem, longe de se compreender pelo processo opositivo com a ideia de centro ou cânone, está a serviço da constituição de um topos mais complexo, para o qual confluem forças estéticas, éticas e políticas, que, para além de configurarem um lugar a partir do qual se pode contestar o status quo, promove a ampliação de uma zona fronteira, de convivência tensa entre instâncias distintas da formação cultural brasileira [...]. (FARIA In FARIA; PENNA; PATROCINIO, 2015, p. 482 APUD CORONEL, 2001, p. 19).

Entendidas assim, os discursos marginais nesse ambiente da literatura mais contemporânea mostram-se muito significativa, expondo os conflitos que, muito distante de pertencer as mediações da periferia, representa o todo da vida em sociedade nacional. Assim, a literatura marginal abre a perspectiva do marginal como um espaço inédito de expressão literária no país. Não pelo auto isolamento, mas pela distinção de rótulos que, segundo seus criadores, mostrarão a divisão do trabalho existente na sociedade que será replicada dentro dos limites da criação literária, independentemente da vontade dos personagens principais.

Desse modo, ao escrever à margem, de diferentes formas e em diferentes formas de expressão, temas específicos como a violência, o tráfico, a instabilidade dos serviços básicos, a intensidade das religiões de massa afrodescendentes, as gírias do coloquialismo periférico, mas também tópicos mais amplos, relevantes para a sociedade contemporânea como um todo, como a dinâmica consumista da televisão, são termos que compõem os idiomas maiores da tecnologia da informação, jogos e redes sociais.

Nascimento (2009) estudiosa da literatura de periferia, define em *Vozes marginais na literatura brasileira contemporânea* que o isolamento é traço central da identidade dos textos marginais: “A ideia essencialista de uma cultura da periferia, defendida pelos escritores estudados, e exclusiva dos moradores das periferias, pressupõe um mundo à parte” (NASCIMENTO, 2009, p. 56).

No entanto, a periferia não é um mundo de diferença. É a parte mais vulnerável da cidade, mas faz parte dela. É o outro lado da concentração de riqueza no centro. A cidade é só uma delas, mesmo que as diferenças sociais criem um muro de separação em sua paisagem. Assim, o essencialismo contido na identidade "marginal" é uma estratégia discursiva inteligente para distinguir esses autores de um todo maior no qual, sem um nome influente, eles têm pouca

visibilidade para poder destacá-los. O termo “marginal”, embora enraizado na opressão secular de nossa história, não se refere a um estado fixo, imutável, mas a um estado temporário e contingente que pode ou não ser mantido dependendo do que acontece no sistema literário, os temas são expressos de forma diferente e cada pessoa impõe sua habilidade. Muitas vezes temas marginais do autor, até mesmo suas formas e temas são absorvidos pela mídia hegemônica.

Nessa direção, Dalcastagnè (2008, p. 80-81) expõe que

Aqueles que estão objetivamente excluídos do universo do fazer literário, pelo domínio precário de determinadas formas de expressão, acreditam que seriam também incapazes de produzir literatura. [Entretanto, para o autor,] eles são incapazes de produzir literatura exatamente porque não a produzem: isto é, porque a definição de ‘literatura’ exclui suas formas de expressão.

Enfim, esse termo marginal ligado à literatura ganhou muitos significados, diferenciando de acordo com as atribuições dos escritores, e também com muita frequência, variando ao ponto de vista conferida por estudioso ou pela a imprensa em um dado contexto. Para Gonzaga (1981 apud Nascimento 2006) tais significados estão ligados em relação a posição do escritor no mercado editorial, depois ligado a linguagem colocada no texto, e por fim, as escolhas dos personagens, situações e cenários expostos nas obras literárias.

### **3. LITERATURA MARGINAL: FERRÉZ E O CAPÃO PECADO**

Na atualidade, como aponta Lima e Seidel (2011) a partir dos anos 90, a literatura marginal como projeto vem sido representado principalmente por Ferréz, escritor não muito distante da “literatura marginal” da década de 70, no que diz respeito a luta contra à alienação e na criação de uma nova linguagem na arte literária. Assim, Lima e Seidel (2011) afirma que as considerações que



Ferréz aponta nos seus prefácios para a *Revista Caros Amigos* (2001, 2002, 2004), bem como também no seu prefácio para a obra coletiva (Ferréz, 2005), conforme Luciano Justino (2008, p. 2 apud Lima e Seidel, 2011, p 143),

[...] articulam a chamada à literatura a sua colocação num espaço de natureza política que excedem [sic] a questão propriamente estéticoliterária para se situar nas demandas por democracia e por direito à diferença. Eles trazem novas perguntas à literatura: que faz o escritor e o público com a literatura? Para que a literatura tem servido? Quem estabelece o critério de medida? Quem pode escrever? Quem recebe? Em que condições materiais cotidianas? [perguntas] tão urgentes quanto as questões específicas da Poética enquanto ciência da literatura. Hoje, responder a pergunta espinhosa, e pergunta-matriz da teoria literária, “O que é literatura?”, ultrapassa o âmbito [...] da literatura para incluir outros saberes sobre a sociedade e o lugar mesmo do “campo literário” nos sistemas semióticos que formam as culturas.

Ferréz, tentando democratizar o espaço literário, pretende inserir a criação literária em espaço aberto de forma alternada, unindo-se com a revista *Caros Amigos* de publicação nacional. Os três volumes da edição especial são Editorial oferece espaço para expressão cultural de diversos escritores literários marginais. O principal objetivo dessa parceria é transformar essa ferramenta de mídia em um espaço cultural democrático. Ferréz é um escritor que entende a falta de movimentos sociais democráticos, com isso em mente, em seus livros como *Capão Pecado* onde abre espaço para a atuação de rappers, compositores de hip-hop e poetas literários marginais.

Souza (2010) deixa claro que o envolvimento de Ferréz na atividade literária fez dele uma das principais figuras da literatura marginal, e desde o final dos anos 1990 ele tem sido uma figura de proa de um estilo projetado. A cada novo disco, o trabalho de Ferréz girará em torno de um projeto de ação cultural e política. Como resultado, o autor recebeu um prêmio da APCA – Associação Paulista dos Críticos de Arte, na modalidade de Modelo de Projeto Literário (2002).

Aponta ainda Souza (2010) que a representação ficcional da periferia na obra de Ferréz, de alguma forma, chamou a atenção de críticos dedicados a lutas particulares para tentar reduzir a desigualdade social no país. Talvez este seja um dos principais motivos pelos quais Ferréz foi convidado (ainda em 2005) a escrever um relatório para o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), ligado a uma rede global de desenvolvimento que abrange 166 países. A luta contra a pobreza no mundo é mais proeminente entre as contribuições do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Com isso, Ferréz é considerado um porta-voz da periferia, uma vez que seu histórico em relação a recepção das suas obras é bem crítica e também dada a sua representatividade na prática que o leva a ser conhecido como um dos novos nomes da literatura brasileira. Ademais, Souza (2010) considera que a exposição para o autor do *Capão Pecado*, faz muito sentido, pois ele mesmo está tentando trabalhar na divulgação de "novos nomes" na chamada "literatura marginal". Por exemplo, em 2005, o autor foi o organizador de uma coleção chamada "Literatura marginal: talentos da escrita e periférica", que após ser publicada em três edições como revista, será posteriormente publicada em livro. Vale destacar que é uma publicação reúne uma coleção de escritores que trabalham com realidades marginais, em um projeto literário, apoiado pela editora Casa Amarela e pela Revista Caros Amigos.

Sobre Ferréz, Patrocínio (2010) salienta que o triunfo do autor não é definido apenas pela recepção de seus livros que obtiveram uma significativa vendagem, mas o que realmente mede o seu alcance e êxito são as contribuições para a chamada Literatura Marginal.

Desse modo, considerando as falas de Assis e Silva (2020), Reginaldo Ferreira da Silva, nome de batismo de Ferréz, aparece como figura importante nesse cenário literário brasileiro contemporâneo, visto que as constatações em torno do que chamamos de Literatura, bem como a memória dos grandes

autores são perpetuados e os cânones, já consagrados, não costumam abrir espaço para o novo. Diante disso, a presença de um autor periférico evoca a promessa de que é possível reformular conceitos há tanto enraizados e definir Literatura de “outros modos”.

Capão pecado (2000) aborda o contexto social de um bairro periférico de uma grande cidade, tendo como referência Capão Redondo, em São Paulo. O romance basicamente retrata a história de Rael, um leitor voraz de romances e revistas em quadrinhos e frequentador de sebos, cujo hábito o levaria à carreira de escritor, mas que teve como grande pecado ter se apaixonado pela namorada do melhor amigo, para depois ter um fim trágico, a morte dramática numa cela de cadeia.

A obra que o consagrou no mercado literário foi justamente Capão Pecado (2000). O escritor Ferréz, nasceu em São Paulo e mudou-se o bairro Capão Redondo, um dos locais paulista mais associado à violência. A obra literária Capão Pecado (2000), com sua grande recepção no meio literário, acarretou-se para o autor participações em diversos projetos artísticos.

Analisando em particular o livro Capão Pecado, primeiro romance do autor paulista Ferréz, e estendendo os parâmetros do discurso coletivo a uma determinada versão da literatura, Rodriguez (2013) pondera novos caminhos para enfrentar criticamente a expressão, o conteúdo e os movimentos culturais da produção marginal que impõem diferenças de forma.

Na comparação construtiva da favela com Capão Pecado, diz o seguinte Rodriguez:

Esta combinação heteróclita de materiais discursivos e estatutos narrativos, esta dimensão coletiva e celebrante da auto representação, seja no plano visual, seja nos inúmeros para textos, esta ansiedade de incluir o maior número possível de vozes e imagens do espaço e dos sujeitos destas comunidades, parecem evocar precisamente a ideia de um “mutirão”. Neste sentido, o livro é menos um empreendimento estético de corte autoral, nos quadros da cultura letrada, do que uma espécie de oportunidade para

constituir, com os meios disponíveis e habilidades disponíveis na comunidade, uma obra que possa oferecer um espaço de reelaboração – em muitos casos de constituição primeira – de contra imagens dos sujeitos e de suas formas de relação e discurso, com respeito às suas representações típicas, emblematizadas pela composição da capa (Rodríguez, 2013, p. 57-58).

A narrativa em *Capão Pecado* apresenta, sob uma perspectiva de denúncia, como o espaço descrito no romance é acometido pela criminalidade, violência, desigualdade social, e conseqüentemente também por um ambiente de sobrevivência e de guerra civil permanente. É notório hoje em dia, atividades de violências serem associadas as regiões periféricas dos grandes centros urbanos do país, logo, tornando-se uma matéria para a literatura marginal. Assim, é o que se vê na obra literária de Ferréz, imagens recorrentes de atos de violência ligados à criminalidade e também ao consumo de drogas.

Nogueira (2021) salienta que no romance *Capão Pecado* (2000), o escritor escreve um romance que teve grande repercussão no campo lexical periférico, ocupando um espaço importante dentro da linguagem coloquial utilizada cotidianamente no léxico popular, assim considerada uma literatura marginal contemporânea, originária da periferia. E por ser uma obra que recorre a uma literatura de testemunho, ela proporciona a aproximação da crítica literária, que avalia as principais características da literatura contemporânea. Assim, a coloquialidade e variação de linguagem encontram fluidez na oralidade e não requerem adequação às normas da gramática tradicional (norma culta/padrão da língua portuguesa).

Karl Eric Schollhammer diz:

O escritor contemporâneo parece estar motivado por uma grande urgência em se relacionar com a realidade histórica, estando consciente, entretanto, da impossibilidade de captá-la na sua especificidade atual, em seu presente. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10 apud Nogueira, 2021, p. 30).

Levando em consideração o pensamento de Schollhammer sobre esse contato dos escritores com o contemporâneo, percebe-se que o romance *Capão Pecado* é mais uma resposta desse autor que escreve objetivamente, aprestando de forma clara o cenário da periferia.

Nogueira (2021) deixa claro que o livro *Capão Pecado*, caracterizado como sendo uma obra de um produto contemporâneo e de um sujeito social concreto, permite a exploração de um universo riquíssimo, envolvendo o cotidiano das pessoas da periferia. Portanto, sendo o sujeito escritor do romance entre Paula e Rael, um ser social, possibilita a existência de um tensionamento desse ser com a origem dos seus contatos, ao planejar ou projetar as relações sociais nos diversos campos literários em que atua.

#### **4. ANÁLISE DO FENÔMENO DA MARGINALIDADE EM *CAPÃO PECADO***

No romance *Capão Pecado* (2000), o narrador traz uma visão bem interessante acerca de como se constitui o bairro Capão Redondo, apontando como a existência de uma divisão entre o centro e as regiões periféricas são notáveis. Também mostra que enquanto o ponto central da cidade de São Paulo tem o básico para sobrevivência, o bairro que fica bastante distante do cartão postal da cidade, se afoga em falta de atenção e falta de serviço básicos.

Assis e Silva (2020) expõe que as fronteiras entre periferia e centro citadas por Ferréz (2013) em sua obra apontam a região periférica como o ambiente dos excluídos e dos subalternos que ocupam papéis já estabelecidos no âmago da cidade. Sendo assim, o romance evolui a partir das imagens distorcidas que percebemos entre o periférico e o central, na narrativa temos:

Ele tinha nojo daqueles rostos voltados para cima, parecia que todos eles eram melhores que os outros. Se seu pai estivesse com ele, com certeza já teria dito: esquentá não, filho, eles pensam que têm o rei na barriga, mas não passam dessa vida sem os bicho comê eles também. Os mesmo bicho que come nós, come esses filhas da puta;

lá embaixo, fio, é que se descobre que todo mundo é igual (FERRÉZ, 2013, p. 25).

É percebido na fala do próprio narrador essa delimitação das diferenças entre os ocupantes do bairro Capão Redondo e região central da cidade. No episódio descrito anteriormente, temos Rael sendo obrigado a se deslocar até o bairro turístico da Liberdade, a fim de receber o pagamento de sua mãe: “- Ah! mãe, você sabe que eu não gosto de trocar ideia com esses playboys, e ainda mais receber.” (FERRÉZ, 2013, p. 25).

Sua repugnância em ter que cumprir o pedido, aparentemente simples, era por conta do bairro em questão ser uns dois mais fartos da cidade, e seus ocupantes possuíam comportamentos e condições bem diferente das quais o garoto presenciava na periferia. Isso fica ainda mais evidente no momento em que Rael chega ao mercado de seu Halim para recolher o dinheiro:

[...] o pão-duro já o havia visto de longe e já estava contando o dinheiro para lhe dar. Rael se aproximou e Halim nem o cumprimentou, só entregou o dinheiro e disse que o serviço de sua mãe estava lhe custando muito dinheiro. Rael não respondeu nada, só guardou o dinheiro no bolso, disse obrigado e se retirou. Mas Halim notou algo em seu rosto, algo estranho, talvez por um momento Halim tenha visto nos olhos daquele simples menino periférico um sentimento de ódio puro e tenha sentido por algum momento que um dia o jogo iria virar (FERRÉZ, 2013, p. 26).

Assis e Silva (2020) mostram que Rael manifesta um sentimento de repulsa pelo ambiente social de Halim, posto que, em linhas gerais, esse universo identifica o indivíduo de classe média e é tóxico para quem não pertence a ele. Ferréz consegue traduzir bem essa sensação da personagem ao retratar que o garoto: “correu para o tanque, lavou o rosto como uma forma de desabafo, como se estivesse se lavando dos olhares daquelas pessoas hipócritas” (FERRÉZ, 2013, p. 26).

Zibordi (2011) traz uma reflexão acerca dessa narrativa literária marginal da experiência, transmissora de uma história vivida, de uma trajetória (biografismo), pode ser percebida também numa tendência ao autobiografismo. Interessante é que os relatos em primeira pessoa não significam a transposição fiel, direta e exata de cenas, passagens e personagens da experiência do autor para o texto, nem muita fidelidade para com os fatos, como no caso do narrador jornalístico: antes demonstram a tentativa de elaboração literária das práticas vivenciais.

Isso fica ainda mais evidente no momento em que Rael chega ao mercado de seu Halim para recolher o dinheiro:

[...] o pão-duro já o havia visto de longe e já estava contando o dinheiro para lhe dar. Rael se aproximou e Halim nem o cumprimentou, só entregou o dinheiro e disse que o serviço de sua mãe estava lhe custando muito dinheiro. Rael não respondeu nada, só guardou o dinheiro no bolso, disse obrigado e se retirou. Mas Halim notou algo em seu rosto, algo estranho, talvez por um momento Halim tenha visto nos olhos daquele simples menino periférico um sentimento de ódio puro e tenha sentido por algum momento que um dia o jogo iria virar (FERRÉZ, 2013, p. 26)

O romance privilegia em mostrar para o leitor a favela por meio do olhar de dentro, como explica Dalcastagnè que “Nesse olhar ‘de dentro’ é possível notar uma grande variedade de perspectivas” (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 64).

A fala de Ferréz, quando ele evoca a experiência do subordinado em sua história, revela um tom de multiplicidade na obra. Assim, não vemos o que o empresário pensa como empregado, por outro lado, vislumbramos a trajetória do trabalhador, o ponto de vista daqueles que são explorados no cotidiano.

Temos assim a evidência de personagens que, numa subjugação, não teriam espaço nem voz.

A partir do enxerto acima, percebemos também que Rael denuncia diferentes níveis do sistema que oprime os muitos opressores que dividem com

ele as ruas do Capão, basta lembrar um pouco mais capital e sujeito passa de subordinado a dominante. Raël adota em sua reflexão um tom de protesto arrebatador, tal é o mecanismo de resistência e proposto por Ferréz para compor a trama em torno do bairro Capão Redondo. Diante dos excluídos desse processo social, Ferréz utiliza a escrita como ferramenta política, desfazendo a caricatura em torno da representação dos marginalizados.

Observa-se muito, durante a narrativa do texto que o personagem faz muitas reflexões individuais acerca das posições dos cidadãos no mundo, concluindo isto como uma forma de encarceramento social e as injustiças que vive:

Zeca buscou a cerveja e continuou bebendo, mas de repente se lembrou de uma reportagem que tinha lido naquela manhã, a matéria dizia que São Paulo era uma das cidades mais badaladas do mundo, uma das únicas que funcionam 24 horas por dia, na matéria se destacavam casas noturnas, restaurantes e todos os tipos de comida que eram encontrados nas noites. Zeca comparou tudo aquilo que os playboys curtiam e o que ele tinha ali em sua frente, resolveu parar de pensar nisso, andou alguns metros e foi comer um churrasquinho na barraca da dona Filó (FERRÉZ, 2013, p. 35)

À medida que se passa o enredo, é perceptível essa característica reflexiva dos personagens, e cada vez que passa, fica mais complexa e se estende por muito mais. Assis e Silva (2020) aponta que As personagens periféricas de Ferréz deixam explícito em seus discursos que mesmo com os impasses que os impedem de progredir, eles continuam a persistir na tentativa de quebrar os parâmetros que os subvertem: “Falta algo pra esses mano, sei lá, preparo; eles têm que se ligá, pois se você for notar, tudo tá evoluindo [...]” (FERRÉZ, 2013, p, 120). Sendo assim, a arte na periferia é o que garante a diferenciação entre a dialética centro versus periferia.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se analisar a aparição dessas figurações da exclusão, tanto no âmbito do autor como no textual, também apresentando os conceitos de margem e marginalizados na literatura marginal tendo como objeto de estudo *Capão Pecado* (2000), do autor Ferréz. Diante do que foi estudado, percebe-se que a literatura marginal ou periférica, apesar de ainda não contemplar o cânone literário brasileiro contemporâneo, vem conquistando seu próprio espaço, e a presença de muitos autores provenientes da margem da sociedade é cada vez mais importante na cena literária.

A ideia inovadora do escritor Ferréz abraça muitos escritores a produzirem textos que refletem essas temáticas sociais que representam as margens e a partir das margens. Essa abordagem periférica do autor provém justamente das experiências dele próprio, sobretudo aquilo que já vivenciou, legitimando as impressões periféricas apontadas no romance ligadas até mesmo com a vida dos próprios moradores dessas periferias.

Estar na periferia, significa estar distante de um lugar que podemos denominar como “centro”. Nas grandes cidades, quem está na periferia são os moradores da favela, das ruas, dos morros. São aqueles que historicamente pertencem à classe desprivilegiada da população, são os que estão à margem da parcela da sociedade que controla a economia, a política, que detêm um alto poder de consumo e que controlam a mídia e os meios de propagação da arte e da cultura.

Com isso, a Literatura Marginal, representada aqui através da primeira obra de Ferréz, *Capão Pecada* (2000), acabou se tornando um material concreto para análise nesse estudo, principalmente no que diz respeito para absorver uma realidade vivida na periferia, existência essa que alimenta a narrativa de Ferréz, visto que os tons de seus textos são oriundos de sua vivência.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Emanuel Cesar Pires de; SILVA, Keury Carolaine Pereira da. Figurações da periferia em Capão Pecado, De Ferréz. *Interfaces*. Vol. 11 n. 3 (2020). Disponível em: [https://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/6420](https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6420). Acessado em 03/12/2022.

CORONEL, Luciana. Literatura marginal: a genealogia de uma escrita de resistência. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, n. 38: Literatura, música e o testemunho de resistência. Jul.-Dez. 2021, p. 17-28. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/68099>. Acessado em 03/12/2022.

DALCASTAGNÈ, Regina. Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina.. (Org.). *Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea*. Vinhedo: Horizonte, 2008.

FARIA, Alexandre, PENNA, João Camillo, PATROCÍCIO, Paulo Roberto Tonani do. *Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira*. São Paulo: Aeroplano, 2015.

JUSTINO, Luciano Barbosa. Novos estatutos de memória na literatura brasileira contemporânea: os “marginais”. In: Anais Eletrônicos do Encontro Nacional da ABRALIC. São Paulo: ABRALIC, 2008. Disponível em: [http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2017%20-%20Anny%20Karine%20Matias%20Novaes%20Machado%20e%20Luciano%20Barbo](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2017%20-%20Anny%20Karine%20Matias%20Novaes%20Machado%20e%20Luciano%20Barbo). Acesso em: 15 mar. 2010.

NASCIMENTO, Érica P. do. (2005). Por uma interpretação socioantropológica da nova literatura marginal. *Plural*, 12, 21-46. Disponível em

<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/75670>. Acessado em 03/12/2022.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. Literatura marginal: os escritores de periferia entram em cena. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em : <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-03092007-133929/pt-br.php>. Acessado em 03/12/2022.

OLIVEIRA, Igor Luid de Souza. Memória e Identidade dos marginalizados: uma leitura comparada em Evel Rocha e Paulo Lins. Dissertação. Programa de pós-graduação em Letras Bacabal. Universidade Federal do Maranhão.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Escritos à margem: a presença de escritores de periferia na cena literária contemporânea. 2010. 222f. Tese de Doutorado - PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=16720@1>. Acesso em: 17 mai. 2019.

SOUZA, Renato. O ‘caso Ferréz’: um estudo sobre a nova literatura marginal. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social). 2010. p. 173. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/94076>. Acessado em 03/12/2022.

ZIBORDI, M. (2011). Literatura marginal em revista. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, (24), 69–88. Disponível em. <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9006> Acessado em 03/12/2022.

Recebido em 15/09/2022.

Aceito em 28/11/2022.